

FATOS E NOTAS

JOSÉ DE ANCHIETA, O PRIMEIRO MESTRE-ESCOLA DE SÃO PAULO.

O historiador e o juiz se encontram no mesmo plano de responsabilidade, quando proferem seus veredictos.

Ambos procuram a verdade, na alçada das respectivas competências. Um, a verdade histórica; outro, a jurídica.

No desempenho das funções que lhes cabem, o historiador e o juiz são chamados a ditar uma sentença, fundada tão só em testemunhos idôneos.

Daí, o lhes ser defeso atender a qualquer paixão ou interesse, na decisão das questões que lhes são afetas.

A independência, a serenidade e o desinteresse são apanágios comuns aos que lidam com os problemas da justiça e da história.

Os infratores dêsse princípio defraudam a confiança que lhes é atribuída e desservem as instituições de que são ministros.

Os que colocam a história a serviço de pessoas, grupos ou nacionalidades incidem na reprimenda de Langlois e Seignobos (1):

“Sente-se quanto há de ilógico em extrair de u’a mesma ciência aplicações opostas, segundo os países ou os partidos; isso seria convidar cada povo a mutilar, senão a alterar a história, no sentido de suas preferências. Sabe-se que o valor de tôda ciência consiste em ela ser verdadeira, e não se pede mais à história do que a verdade”.

Tais considerações vêm a propósito da campanha que se promoveu em Portugal e no Brasil, no ensêjo do IV Centenário de São Paulo, com o objetivo de exaltação da obra colonizadora dos lusos em nossa terra.

Se essa tarefa se realizasse no âmbito da literatura, da poesia ou da arte, nada haveria a objetar. Mas pretender-se transformar a história em ancila daqueles desígnios é, sem dúvida, desvirtuar seu caráter de ciência.

Os que assim procedem podem ser literatos, poetas, artistas e até patriotas, mas nunca historiadores.

(1). — *Introduction aux Études Historiques*, pág. 282.

O alvo preferido de certos revisionistas da história de Piratininga foi o canarino José de Anchieta, “et pour cause...”. Era preciso apeá-lo do pedestal em que se erguia acima das demais personagens do ciclo piratiningano.

E surgiram, então, manifestações surpreendentes, na imprensa, na cátedra e na tribuna: a Manuel da Nóbrega, tôdas as honras, pois, São Paulo lhe ‘deve mais do que a qualquer outro; exclua-se Anchieta dos pretendentes ao título de fundador de São Paulo, que pertence unicamente a Nóbrega; nosso primeiro mestre-escola não foi Anchieta e sim Antônio Rodrigues.

Teriam razões históricas ditado êsses pronunciamentos?

Não, razões de ordem meramente patriótica ou interesseira.

Fôsse Anchieta português...

O Padre Serafim Leite, ilustre jesuíta e conhecido historiador luso, com o intuito de ampliar, ainda mais, o capítulo de benemerências dos descobridores e colonizadores do Brasil, entendeu de atribuir a Nóbrega tôdas as primazias, no campo missionário, ainda que tivesse de empurrar Anchieta para um canto da história. À frente de um grupo designado pitorescamente de nobreguense, o Padre Serafim Leite empreitou uma campanha inglória: a destituição de Anchieta.

Se o animasse, tão só, o amor à verdade, não se lhe poderia irrogar qualquer censura. Mas quem julgar imparcialmente os fatos há de convir em que êle se apartou, por vêzes, dos serenos caminhos da história, no afã de conquistar novos lauréis para os seus heróis. Esqueceu-se de que a paixão é inimiga da ciência, quando declarou, no Congresso Internacional de História, realizado em São Paulo, em 1954, que, “paixão por paixão, ficava com a de Nóbrega”.

E ficou, confessadamente, apaixonado.

Eis como se explica não haver o ilustre historiador, em seu livro **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, encontrado outros qualificativos para a apresentação de Anchieta a não ser os de “gramático e V Provincial do Brasil”!

O mestre, o poeta, o escritor, o diplomata, o missionário, o taumaturgo, o fundador, o santo, todos êsses títulos irrecusáveis àquêle que foi o nume tutelar de Piratininga não conseguiram registro, nos assentos do jesuíta, Padre Serafim Leite!

Nóbrega merece, por certo o reconhecimento de todos os brasileiros, pelo muito que lhe devemos em benefício de nossa terra. Mas Anchieta toca-nos de mais perto, porque, a bem dizer, êle foi mais paulista. Cabe-lhe com inteira justiça o título de “Criador de São Paulo”.

Criador, defensor e consolidador.

A permanência de São Paulo deve-se, em mor parte, à ação de Anchieta.

São conhecidos os intúitos de Nóbrega com referência à expansão da obra missionária dos jesuítas, no Perú e no Paraguai. De acôrdo com os seus desígnios, Piratininga teria sido um simples pouso no planalto, para a marcha em demanda de outras regiões. São Paulo não contava como objetivo principal no seu vasto plano de conquista de novas terras e de novas almas para a Cristandade. Ele pensou, até, em mais de uma ocasião, em suprimir o Colégio, e só não o fêz, porque circunstâncias alheias à sua vontade lho impediram. Confirma-o o historiador jesuíta Padre Hélio Abranches Viotti, com sua alta autoridade, em artigo publicado na **Revista de História**, n.ºs 21-22 de 1955.

Aliás, é o que nos revela o próprio Nóbrega, ao escrever, em 1558, nos seus **Apontamentos de coisas do Brasil**:

“Se isto vai como até aqui, eu sou de voto que será excusado Colégio da Companhia de Jesus, no Brasil, e deviam nos dar licença para ir ao Perú ou Paraguai, porque nem com Cristãos nem com Gentios aproveitaremos nada desta maneira”.

Pode-se dizer que o Colégio de Piratininga sobreviveu contra a vontade de Nóbrega, o qual chegou a pensar na remoção de Anchieta e de seus discípulos jesuítas para Assunção (2).

Houvesse prevalecido a intenção de Nóbrega, os jesuítas teriam abandonado tôda a Capitania de São Vicente, e o burgo de Piratininga, sem a assistência moral dos missionários, seria riscado do mapa das realizações cristãs, no continente americano.

“Estou muito arrependido de não haver retirado os meus irmãos de lá (referia-se à Capitania de São Vicente). Porque, segundo me parece mui claro, está aquela terra com a candeia na mão, porque cada vez mais se lhe acrescenta a desventura e lhe falta o socôrro”,

escreve Nóbrega, em 5 de julho de 1559 a Tomé de Souza (3). Nem lhe importava o despovoamento de tôda a Capitania de São Vicente, como o declarou em carta de 1557 (4):

“Seria bom ter a Companhia lá (em Assunção) um ninho, onde se recolhesse quando de todo São Vicente se despovoasse”.

(2). — *Cartas Jesuíticas*, I, 175-176; *Novas Cartas Jesuíticas*, 70.

(3). — *Cartas Jesuíticas*, I, 217-218.

(4). — *Cartas Jesuíticas*, I, 174-175.

“Ficou o Pe. Nóbrega por estas coisas tão aborrecido, que resolveu abandonar o Brasil passando ao Paraguai”.

Quem o diz é o historiador jesuíta Padre Rafael Galante (5) em seu **Compêndio de História do Brasil**.

Quis a Providência que os propósitos de Nóbrega se malograssem e que a visão profética de Anchieta se tornasse realidade: Piratininga permaneceu e caminha para o fastígio de maior metrópole da América Latina.

Quando o Padre Serafim Leite nos surpreendeu com a revelação de que o primeiro mestre-escola de São Paulo não havia sido Anchieta, e sim Antônio Rodrigues, também jesuíta, era de se esperar que essa imprevista afirmativa se fundasse em argumentos positivos e insofismáveis. Entretanto, o máximo que se pode admitir, à vista do que escreveu o ilustre historiador luso em **Brotéria** (6) é que Antônio Rodrigues também foi mestre-escola, no Colégio de Piratininga, mas, tão só, a partir de maio de 1554. Porque — e este é o ponto relevante — não há prova alguma de que Antônio Rodrigues se encontrasse em Piratininga, antes dessa data.

Ora, é fato conhecido que, desde a fundação, a primitiva cabana dos jesuítas serviu de escola para crianças indígenas que ali se abrigavam. Quem o testemunha é Anchieta, em sua famosa carta de agosto de 1554 ao Geral Inácio de Loyola.

Que estariam ali fazendo os curumis? Aprendendo a doutrina?

Sem dúvida; mas aprendendo também o “a-b-c”.

E o primeiro mestre, no período de janeiro a maio? Se Antônio Rodrigues não se achava lá, quem o teria sido?

Tudo nos mostra que Anchieta foi o mestre-escola dos primeiros tempos. E’ uma questão de simples raciocínio à luz de dados irretorquíveis.

Os que pretendem ter sido Anchieta apenas professor de gramática, no Colégio de Piratininga, se esquecem de que êle, havendo ensinado a cartilha aos meninos da Bahia, não iria esperar, durante mais de três meses, que outrém viesse fazê-lo, aos catecúmenos de Piratininga.

E não esperou, segundo o assevera o eminente jesuíta português Luís Gonzaga Cabral, em seu livro **Jesuítas no Brasil** (7).

(5). — I, 213.

(6). — Vol. LV, fasc. 4, outubro de 1952.

(7). — Pág. 153-154.

+ Habiendo en la Carta del 2 de Julio de 1542. Real cedula. que auia sido dada en 1542.
 por el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

En esta ciudad de Sevilla se ha de entender y cumplir lo contenido en la Real cedula de
 el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

En el punto de la Real cedula de 1542. se ha de entender y cumplir lo contenido en la Real cedula de
 el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

En el punto de la Real cedula de 1542. se ha de entender y cumplir lo contenido en la Real cedula de
 el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

En el punto de la Real cedula de 1542. se ha de entender y cumplir lo contenido en la Real cedula de
 el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

En el punto de la Real cedula de 1542. se ha de entender y cumplir lo contenido en la Real cedula de
 el Rey. que se ha de seguir siempre en todas las cosas que se hicieren.

Estas provas, tão claras e idôneas, deveriam valer contra qualquer pretensão divergente. Assim, porém, não o entenderam alguns críticos recalcitrantes.

Eis senão quando, um acontecimento de singular importância reclamou a atenção dos centros intelectuais do Brasil: a divulgação de três cartas inéditas de José de Anchieta, colhidas no Arquivo da Província de Toledo, dos Padres Jesuítas de Madrí, e apresentadas pelo historiador espanhol Salvador López-Herrera ao Congresso Internacional de História, nas comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Numas dessas cartas, a de agosto de 1554, em castelhano, citada pelo jesuíta João Polanco, em **Chronicon Societatis Iesu**, Anchieta transmite pormenorizadas notícias à Inácio de Loiola, sobre a vida, no alvorecer de Piratininga. E, em certa altura, escreve textualmente:

“...nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños los cuales les enseño a leer, escribir y cantar...” (Texto e fotocópia anexos).

Leia-se, registre-se e conclua-se. E' Anchieta quem fala na primeira pessoa: “les enseño”, “eu lhes ensino”.

Que mais? Que atitude se impõe a qualquer espírito desapassionado diante dêsse documento?

De início, houve quem o inquinasse de suspeito. Hoje, porém, não seria lícito negar-lhe rigorosa autenticidade. Encontra-se êle incorporado à coletânea mundialmente famosa, **Monumenta Historica Societatis Jesu** (8).

O documento aí está.

Como, pois, se explica a contumácia dos que ainda persistem em negar a Anchieta o título de “Primeiro Mestre-Escola de São Paulo”?

Mais uma vez se reconhece que “o pior cego é aquêle que não quer ver”.

Êstes comentários resultaram da notícia de que se pretende batizar uma escola oficial paulistana com o título de “Padre Antônio Rodrigues, Primeiro Mestre-Escola de São Paulo”.

Tão desconcertante informe provocou de Guilherme de Almeida, o grande poeta da raça, uma palavra justa em defesa da verdade histórica e de nosso dever de paulista (9). Houve réplica, a cargo do ilustre Prof. Almeida Magalhães (10).

(8). — Sob n.º 23, vol. II, 118-123.

(9). — “Eco ao longo dos meus passos” in “O Estado de S. Paulo”, de 18-2-59.

(10). — “A Gazeta”, de 25-2-59.

Depois da carta de Anchieta, parece-me que qualquer discussão é ociosa.

Se alguém teima em afirmar que o sol não brilha, o melhor é deixá-lo com sua estranha mania.

“Non ragioniam di lor, ma guarda e passa”.

Esfôrço vão, o dos novos emboabas: Anchieta é inatingível, porque se refugiou no coração de São Paulo.

E aí vive e viverá para a Eternidade.

J. A. CÉSAR SALGADO

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Antigos Alunos da Companhia de Jesus. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

*

* *

DOCUMENTOS ANEXOS.

1. — Texto da carta supra mencionada.

San Pablo de Piratininga, del mes de agosto de 1554. En castellano. Al Padre San Ignacio de Loyola Cfr. Historia Varia, tomo III, fol. 620, en Archivum Proviciae Toletum Societatis Jesu. Madrid. Carta inédita utilizada por el Padre Juan Polanco en el “Chronicon”.

La paz de Nuestro Señor Jesucristo sea siempre en nuestras ánimas. Amén.

Estamos en esta nueva población de catecumenos llamada Piratininga, donde el Señor por su misericordia y bondad infinita quiere reducir algunas destas ovejas perdidas al rebaño de su Iglesia y esto no con pequeño trabajo que con ellos tomamos predicandoles continuamente y trajendoles por quantas vias podemos porque es esta gente tan indómita y bestial que toda su felicidad tiene puesta en matar y comer carne humana de lo qual por la bondad de Dios tenemos apartados estos y con todo tienen tan arraygada la costumbre de beber y cantar sus cantares gentilicos que no ay remedio para los apartar del todo dellos, asi que muchas vezes nos dan mucha tribulación y principalmente despues que tornaran de la guerra, por lo qual muchos de ellos se han ydo de aqui por se ver libres de nosotros que nunca dexamos de los importunar que dexten del todo sus malas costumbres.

Un indio que mucho tiempo ha es baptizado por unos christianos portuguezes que ya aqui moraron se apartó destes para vivir más a su voluntad y este vino un dia con dos mujeres cantando por la aldea segun su costumbre gentilico y incitando los otros a hacer lo mesmo un hermano que tiene cargo de los enseñar se levantó con unas disciplinas y los hechó fuera aunque el indio se mostró muy áspero contra él este nos tiene hecho aqui mucho mal moviendo los demás

que bevan y canten como antes y así algunos y los demás dellos nos dan bien en que entender con su dureza por lo qual nuestro principal fundamento es en doctrina de los niños **los quales les enseñó a leer, escribir y cantar** estos trabajamos de tener debaxo nuestra mano para que después vengan a suceder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios.

Dia de S. Lourenço se dieron algunas ropas a algunos dellos de paño que el Serenisimo Rey de Portugal nos da de limosna y con esto se cativan tanto como si les diessemos muy grande cosa y así estos los más de las noches se juntan a cantar cantares de Dios en su lingua al contráριο de sus padres para que ex ore infantium et lactentium proficiatur laus Dei propter inimicus eius.

Algunos indios de otras aldeas se vienen a morar con nosotros con toda su casa y uno principalmente que totalmente quiere renunciar sus costumbres seguir lo que le dixeremos este y su mujer son cathecumenos tienen grande cuydado de guardar sus hyjas virgenes diziendo que no las han de casar sino cono christianos lo qual es bien ageno de los otros los quales no solamente mas antes las dan a quien quiera Sea Dios por todo loado.

Agora es mandado el Padre Manuel de Paiva a rezidir en S. Vicente entre los christianos tenemos buenas nuevas de él es gran predicador aunque non de letras de manera que la gente le estima en mucho y así se espera que se hara mucho fructo entre ellos.

Tambien tenemos por nueva que los indios que la ribera don de es embiado el hermano Pero Correa dieron en los contrários y hicieron gran mortandad en ellos y captivaron un español que estaba entre ellos querra Nuestro Señor que por medio del hermano no loo materan porque le estiman mucho los indios. Si tuvieramos nuevas del suceso en el otro quatrimestre las escribiré.

Al presente dos hermanos estudian gramatica, los demás que aprendian son dispersados en diversas partes entre los indios porque son también allá necesarios y también por causa de la sustentación la qual es tan flaca que muchas y las más de las veces nos sustentamos con ojas de mostaza cozidas de que ay aquí harta abundancia y calabças de la tierra y arina de pano ahora esperamos un cierto género de ormigas las quales quando hechan enxambre son los hijos un poco grandes y estas tenemos aquí por manjar delicado y no pensamos que tenemos poco quando las tenemos. Queira Nuestro Señor darnos manjares espirituales que nos harten y redunden en estas almas porque no desmajen en el camino de la salud por la qual Dios por su misericordia les quiere manifestar y pedimos pues humildemente a Vuestra Reverenda Paternidad y a todos nuestros hermanos que tengan continua memoria de nosotros en sus sanctos sacrificios y oraciones deste lugar de Piratininga y casa de San Pablo del mes de agosto de 1554".

*

* *

2. — Tres documentos inéditos que hablan sobre la fundación de San Pablo, y varios tópicos del 3.º documento que fueron aprovechados por el secretario de San Ignacio de Loyola, Juan Polanco, en su "Chronicon" (11).

Los documentos que aporto al conocimiento de los Congresistas han sido descubiertos por mí en el Archivo de la Provincia de Toledo de los Padres Jesuítas de Madrid. Estos documentos, como vamos a ver a continuación, proyectan nueva luz sobre los primeros tiempos de la vida de la ciudad de São Paulo. Ellos nos hablan de una manera categórica de la sobresaliente actuación del Venerable Padre José de Anchieta que con tan poca justicia se ha considerado en estos últimos meses.

Dos de estos documentos corresponden a los años 1578 y 1582. Ambos contienen noticias interesantes sobre la Residencia de Piratininga, informándonos especialmente del incremento de la población y del estado material y espiritual de la misma, demostrándonos cómo el Padre Anchieta, ya Provincial, se seguía interesando muy vivamente por el poblado en el cual pasara los más destacados años de su vida.

Pese al interés de estas dos cartas, el mayor valor de nuestra aportación documental, reside en la carta del Padre Anchieta, fechada en San Pablo de Piratininga en agosto del año fundacional de 1554, escrita a San Ignacio de Loyola. En ella se nos da un gran número de noticias del mayor interés, y que para mayor claridad damos a continuación en forma esquemática:

1. — Se nos demuestra de forma contundente cómo en el mes de Agosto de 1554, el P. Anchieta estaba dedicado, entre otras cosas, a la enseñanza de los niños indios, ya que nos dice textualmente: "...les enseño a leer, escribir y cantar"... Se demuestra, pues, que el P. Augusto Rodríguez ya no se ocupaba en ese tiempo de la enseñanza primaria, aunque hubiese sido encargado de ello en los meses primeros de la fundación.

2. — Podemos observar también, cómo ya en estos primeros meses de la existencia de San Pablo, y gracias a la decidida actividad del Padre Anchieta, la pequeña aldea era el centro de atracción de los indios que habitaban en sus alrededores. Textualmente nos dice en su carta el P. Anchieta: "Algunos Indios de otras aldeas se vienen a morar con nosotros con toda su casa"...

(11). — Comunicação do Prof. Salvador Lopez Herrera ao Congresso de História, realizado em São Paulo, no programa das comemorações do IV Centenário da Cidade, em 1954. O Prof. Lopez Herrera doutorou-se na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid, com uma tese magistral sob o título "Vida del Venerable Padre José de Anchieta". Deve-se-lhe a providencial descoberta, no Arquivo da Provincia de Toledo dos Padres Jesuítas de Madrid, de três preciosos documentos inéditos, dentre os quais se destaca por sua ineludível importância para a restauração da verdade histórica sobre o primeiro mestre-escola de São Paulo, a carta de agosto de 1554, de Anchieta ao Padre Geral Inácio de Loyola.

3. — Otra noticia de gran importancia es el señalar que en este mes de agosto, es decir al séptimo de existencia de la futura gran ciudad de São Paulo, el Padre Manuel de Paiva, sale a “residir en San Vicente”.

4. — También en este mes abandona el poblado de Piratininga el Padre Pero Correa quien va a catequizar, según nos dice Anchieta, a “los Indios de la ribera”.

5. — En este mes de agosto sólo quedan dos hermanos estudiando gramática, y nos dice la carta que “los demás que aprendían son dispersados en diversas partes entre los indios...”.

6. — El documento nos demuestra palpablemente cómo la atención que se prestaba a la nueva población por los superiores, era absolutamente nula, dependiendo de la actividad del propio Anchieta el sustento de los que allí moraban, ya que nos dice textualmente el P. Anchieta en su carta que “muchas y las más de las veces nos sustentamos con hojas de mostaza... y calabazas de la tierra... y harina de pano, agora esperamos cierto género de hormigas...”.

7. — La grand autoridad que en el terreno de colonización y evangelización tiene el Padre Anchieta nos viene demostrada en esta carta por una breve, pero sustanciosa definición de carácter doctrinal del método que empleaba. Dice el P. Anchieta: “nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños los cuales les enseño a leer, escribir y cantar, estos trabajamos de tener debajo nuestra mano para que después vengan a suceder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios...”.

De todo lo que llevamos expuesto podemos llegar a las importantes conclusiones siguientes:

1a. — En el mes de agosto de 1554, la resolución de los distintos problemas de la aldea de Piratininga, dependen única y exclusivamente de la autoridad del Padre Anchieta.

2a. — Anchieta queda prácticamente solo en la aldea de Piratininga, al marcharse el Padre Manuel de Paiva, el P. Pero Correa así como todos los hermanos excepto dos que siguen estudiando.

3a. — Al Padre Anchieta le correspondía no sólo la enseñanza de Humanidades sino:

- a) la enseñanza de las primeras letras de los niños indios,
- b) la alimentación de todos.
- c) la distribución de telas y presentes para atraer a los indios y
- d) la dirección de todos los asuntos relativos a la evangelización, gracias a la cual se formó el núcleo de población que corriendo los tiempos sería la actual gran ciudad de São Paulo.

4a. — La autenticidad de las fuentes antiguas y biográficas sobre el Padre Anchieta se comprueban ahora por lo siguiente:

a) El Padre Juan Polanco, en su "Chronicón" da la noticia de que el P. Manuel de Paiva fué a residir a San Vicente en agosto de 1554.

b) Esta noticia no tenía ningún documento en que apoyarse.

c) Ahora aparece ese documento, que es precisamente el que hemos venido comentando, y en el cual se nos da la misma noticia sobre el Padre Paiva, incluso en términos idénticos.

d) Se demuestra pues: 1.º) que el Padre Polanco tuvo en sus manos el documento que damos a conocer ahora, aunque estuvo perdido mucho tiempo, y 2.º) que si en este caso ha habido confirmación documental de una noticia no comprobada recogida en un autor antiguo, es seguro que en lo que respecta a otras noticias y apreciaciones suceda igualmente. Por lo tanto, debemos volver a poner nuestra fé en los autores antiguos, en cuyas manos estuvieron indudablemente todos y los más importantes documentos sobre este tema, aunque muchos de aquellos documentos se hayan perdido o estén aún esperando al investigador que los descubra.

Este documento, nos demuestra, finalmente, que el Padre Anchieta, es la figura más destacada en la fundación de São Paulo y el más sobresaliente paladín en los primeros tiempos de esta gran ciudad.

*

* * *

3. — Fotocópia da pág. 121, do vol. II, da obra **Monumenta Historica Societatis Iesu** (Roma, 1957), de autoria do Padre Serafim Leite.

E' o comprovante do reconhecimento da autenticidade da já famosa carta de Anchieta.

Ante a evidência dêsse documento, Serafim Leite, condescende em aceitar que "segundo isto, o autor da carta, no momento em que escrevia (setembro) era Mestre Escola de Meninos". Mas, linhas adiante, traindo sua preocupação de atribuir êsse título, em primazia, a Antônio Rodrigues, o ilustre historiador procura desfazer no mérito do documento, valendo-se de simples conjeturas, destituídas de qualquer valor científico.

Percebe-se que o eminente historiador luso reluta em "dar a mão à palmatória". E, daí, "data venia", a ginástica de seus argumentos insubsistentes, como aquêle em que admite a possibilidade de haver o copista, em vez de "enseñan" pedido pelo tom plural da carta, escrito "enseño".

Perdoe-me o ilustre historiador: se Anchieta houvesse pretendido manter o tom plural, na primeira pessoa, não teria escrito "enseñan" e sim "enseñamos".

E não será por mera suposição que iremos concordar em haver o copista lido "enseño", onde estava "enseñamos". Notadamente porque outros documentos históricos incontrastáveis mostram que, em verdade, Anchieta foi o primeiro mestre-escola de São Paulo.

Antônio Rodrigues veio depois.

E' tudo o que nos ensina a História.

canten como antes, y así algunos y los demás dellos nos dan bien en qué entender con su dureza.

3. Por lo qual nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños, los quales les enseño a leher, escribir y cantar; éstos trabajamos de tener debaxo nuestra mano para que después vengan a succeder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios³.

4. Dia de S. Lorenço⁴ se dieron algunas ropas a algunos dellos de paño, que el serenissimo Rey de Portugal

3 Segundo isto, o autor da carta, no momento em que escrevia (Setembro), era Mestre da Escola de Meninos. E bem o podia ser. Mas, sob o aspecto critico da documentação, o facto não consta em nenhuma carta precedente nem sua, nem alheia (carta de 15 de Agosto de 1554 § 2; Quadrimestre de Maio a Setembro); e, em 1555, publicando-se em espanhol, intitulada, a Quadrimestre de Maio a Setembro (*Copia de unas cartas*), suprimindo-se nela o nome do Mestre-Escola, talvez o copista julgasse que se tratava de Anchieta, e em vez de «enseñan», pedido pelo tom plural da carta, escrevesse «enseño»; do mesmo modo que naquela impressão de 1555, onde o mesmo Anchieta escreveu «um Irmão» que tinha ido aos confins do Peru ao Sr. António Rodrigues, cf. *Mon. Bras.* 1 468-481), o copista ou editor, vendo uma carta de Azpilcueta a narrar uma entrada ao sertão (de Porto Seguro) substituiu a palavra «Irmão» pela de «Padre» concretizando-o em «Padre Azpilcueta», que jamais esteve nos confins do Peru (cf. LEITE, *Nóbrega e a Fundação de São Paulo* 69-70). Convém ter presente esta e outras interpolações daquele tempo, porque na Quadrimestre de Maio a Setembro, integra, junto com a mesma frase de que se esperava que os Meninos viessem a ser «povo de Deus», diz o próprio Anchieta que o Mestre (e «grande mestre») da Escola de Meninos era o Sr. António Rodrigues (§ 8); e, por outro lado, na sua carta de 20 de Março de 1555, autógrafa (e de que portanto se não pode duvidar), ao contar Anchieta as occupaões, que tivera até então, não fala nesta de ensinar os meninos a ler, escrever e cantar. O que diz, alegando falta de tempo, é: «quanto aa lingua eu estou nella algum tanto adiante, ainda que hee muyto pouco para o que soubera, se me não occuparão em insinar grammatica», isto é, em ensinar latim (7 e cf. § 3). Se, além do latim, o tivessem occupado também em ensinar a ler, escrever e cantar aos meninos, não se explica que o não dissesse, pois essa occupaão reforçaria incomparavelmente a falta de tempo, que alegava, para não adiantar mais na lingua brasílica.

4 10 de Agosto de 1554.

*

4. — **Decreto do Governo do Brasil, declarando feriado nacional o dia do 4.º centenário do nascimento de Anchieta.**

Decreto n. 23.941, de 1.º de março de 1934.

Declara feriado nacional o dia 19 do corrente mês, data do IV centenário do nascimento do Padre José de Anchieta.

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe confere o Art. 1.º do Decreto n. 19.398, de 11 de novembro de 1930; e,

Considerando que, no dia 19 do corrente mês, se comemorará a data do 4.º centenário do nascimento do venerável padre José de Anchieta, cuja vastíssima obra de missionário cristão lhe valeu o significativo título de apóstolo do Novo Mundo;

Considerando que são justificadamente merecidas tôdas as honrenagens prestadas, pela Nação, à memória dos grandes missionários, a quem deve o Brasil o seu primeiro e mais forte impulso civilizador;

Considerando que, semeando a fé, Anchieta e seus heróicos companheiros foram, ao mesmo tempo, os criadores dos primeiros núcleos de ensino de onde se irradiaram a nossa cultura, a língua e a fé comum;

Considerando que a sua grande obra de instrução e catequese teve notável influência na formação da nacionalidade, resolve:

Art. 1.º — Fica declarado feriado nacional o dia 19 de março próximo, data do IV Centenário do nascimento do padre José de Anchieta.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 1.º de março de 1934, 113.º da Independência e 46.º da República. (ass.) Getúlio Vargas, Francisco Antunes Maciel e Washington F. Pires.

*

* *

5. — **Carta do Padre Luís Gonzaga Jaeger S. J. (12).**

Pôrto Alegre, 5 de outubro de 1959.

Exmo. Sr.

Dr. J. A. César Salgado.

Morro Verde, 210.

São Paulo, (S. P.).

Respeitosas saudações no Senhor.

Venho agradecer-lhe sinceramente a remessa do seu interessante artigo, publicado no "O Estado de São Paulo", 6.º caderno, em 28-6-1959, subordinado ao título **José de Anchieta, o primeiro Mestre-Escola de São Paulo.**

(12). — Carta do Padre Luís Gonzaga Jaeger, jesuíta, do Colégio Anchieta, de Pôrto Alegre, eminente historiador e polígrafo, autor de valiosos trabalhos que lhe granjearam alta reputação nos meios intelectuais do país e do estrangeiro. E' diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas.

Li-o e reli-o com com tôda a atenção. Não cabe dúvida: está vazado em têrmos enérgicos se até com laivos de indignação. Censurá-lo-ei por isso?

Antes de responder, ou melhor em vez de uma resposta, vou dar-lhe uma explicação. Compreendo perfeitamente ao Sr. como paulista dos 4 costados, cioso da glória do nosso grande apóstolo e Tau-riaturgo Anchieta, pelo qual nutro pessoalmente uma profunda admiração; mas outrossim compreendo também ao menos em parte, ao meu confrade português Pe. Serafim Leite por sua vez amante sincero de sua Pátria.

Passei duas temporadas na velha Lusitânia. A primeira de 1909 a 1910 (20 meses), quando comecei minha vida religiosa na Companhia de Jesus. Fui prêso na Revolução de outubro de 1910 com todos os meus companheiros da Casa de Provação do Barro, Tôrres Vedras, encerrado num calabouço de Lisboa e libertado após 27 dias, graças à intervenção enérgica do Cônsul do Brasil em Lisboa. Naquele tempo a minha Ordem se achava em Portugal em estado de banimento oficial, mas vivia com certa tranqüilidade sob o título de "Associação, Fé e Pátria". Todo o mundo, porém, sabia que éramos jesuítas, que mandavam missionários ao Ultramar Português. tinham dois grandes colégios, o de Campolide e o São Fiel, pregavam muitas missões, davam muitos retiros e dirigiam magistralmente o Apostolado da Oração que tinha fama de ser então o mais florescente da época. A República maçônica se apoderou de tudo isso, expulsando os filhos da Companhia de Jesus do domínio português.

Regressei por algumas semanas a Portugal em 1950. Apesar da inegável boa vontade de Oliveira Salazar, e do restabelecimento oficial da Companhia de Jesus, esta vivia em muita pobreza de tudo, sem nenhuma casa, colégio ou igreja, devolvidos pelo Govêrno. Da florescente Província portuguesa de 1910 sessenta Padres e um regular número de Irmãos, haviam encontrado um magnífico campo de atividade em terras do Brasil setentrional. Tive muita pena dos meus antigos companheiros vendo-os algum tanto desanimados, reduzidos quase que exclusivamente ao apostolado da pena. Só ultimamente, graças a um esforço titânico, conseguiram abrir 2 colégios, o de São João de Brito e o Instituto Nun'Alvares, no Minho êste último, em Lisboa o primeiro. Sai de Portugal com a impressão de que a boa vontade do episcopado e do clero de 1910 já não era a mesma em 1950. Por que?

Ora, o Pe. Leite, testemunha ocular de tudo isto, não pôde ficar indiferente a êsse estado de coisas. Tenho a convicção de que êle forceja em seus livros por convencer seus conterrâneos e provar-lhes quanto fêz a Companhia de Jesus em favor de Portugal, certamente na boa intenção de conquistar alguma simpatia a mais para a sua Ordem. Para um jesuíta português estará muito certo.

Mas em Roma, no Rio e também aqui em Pôrto Alegre ouvi frases como estas: "O Pe. Serafim Leite é demasiadamente nacionalista na sua História da Companhia de Jesus no Brasil", ou: "A Histó-

ria de Serafim Leite é mais história dos portugueses do que dos jesuítas”.

Quanto ao Pe. Manuel da Nóbrega, o mérito de S. L. é inegável, tirando a sua figura do pó dos arquivos. E nós brasileiros nunca lhe poderemos pagar devidamente o bem que fez ao Brasil infante em horas difíceis.

No que tange à discutida parte que teve Anchieta na fundação de São Paulo, posta a questão no terreno sêco da objetividade histórica, meu ponto de vista é êste: Nóbrega escolheu o ponto do planalto onde deveria ser construído o Colégio de São Paulo. Êste mérito é indiscutível. Não esteve presente na fundação. O Padre Manuel de Paiva veio nomeado por Nóbrega como superior da incipiente comunidade e funcionou como tal no lançamento da pedra fundamental. Anchieta, mocinho de 20 anos incompletos, apenas novigo, era na ocasião a **testemunha mais qualificada** dessa cerimônia. Não sendo na Companhia de Jesus hábito de antepor o irmão ao sacerdote, sobretudo ao Superior, não posso aceitar a tese de Anchieta ser o **Fundador** de São Paulo... Quem fundou essa grande metrópole foi a **S. J.**

Quanto à primazia de Anchieta como primeiro mestre-escola de Piratininga, suas provas, Dr. César Salgado, são contundentes. Serafim Leite só pôde atribuir essa honra a outro, desconhecendo completamente as cartas que o Sr. cita em seu artigo. Eu mesmo incidi nesse erro, não tendo ainda conhecimento dos seus argumentos, como se pode ver num folheto que publiquei sôbre Anchieta.

O Sr. diz com fina ironia: “Fôsse Anchieta português...”.

Lendo pela primeira vez o que S. L. publicou em sua monumental **História da S. J. no Brasil**, sôbre Anchieta, fiquei com a desagradável impressão de o nosso grande Taumaturgo não ter recebido do historiador o merecido destaque. Passando por aqui o R. P. Cândido Mendes, que foi Provincial da Província portuguesa, lhe expus êsse meu ponto de vista, ao que me replicou o Pe. Mendes que realçar a figura de Anchieta era papel do **biógrafo** e não do simples historiador, como S. L.

Em todo o caso, acho que o Sr. fez obra meritória aclarando um pouco mais essa questão.

Por tôdas essas razões, no meu atrevimento de moço, há 36 anos, me ofereci a meus Superiores de começar a escrever a História da Companhia de Jesus no Brasil, a fim de atendermos aos reiterados apêlos de Capistrano de Abreu. Entre os 8 argumentos alegados, creio que o de mais pêsô era o de ser a minha humilde pessoa **jesuíta brasileiro**, para assim ficar sempre no fiel da balança na questão dos atritos entre os jesuítas e os colonos.

A Providência resolveu escolher outro, livrando-me a mim de uma grave responsabilidade e dando-me uma boa compensação na História da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tanto dos tempos antigos como dos mais recentes.

Aqui, meu bom Dr. César Salgado, tem o parecer de um humilde brasileiro e insignificante jesuíta, mas de boa vontade.

Creia-me sempre seu admirador e patricio.

(a) Pe. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.

*
* *

6. — Carta do Padre Hélio Abranches Viotti S. J. (13).

Salvador, 22 de julho de 1959.

Prezado amigo.

Dr. César Salgado.

Venho agradecer-lhe e felicitá-lo pelo belo artigo em "O Estado de São Paulo" sobre Anchieta, primeiro mestre de São Paulo. Não reparara até então no citado trecho do Pe. Galanti, que dá particular confirmação ao fato para que chamei a atenção em alguns trabalhos. Sua referência a mim muito me sensibilizou. Grato à sua generosidade.

Tenho andado cada vez mais atascado em assuntos de ensino. Atualmente ocupado numa **Jornada de Diretores**. Perdoe-me o laconismo.

Amigo e servidor em J. C.

(a) Pe. Viotti, S. J.

*
* *

7. — Carta do Padre Antônio Loebmann S. J. (14).

Colégio Catarinense.

Florianópolis — S. C. 3-8-59.

Estimado e amigo.

Dr. J. A. César Salgado.

Saudações atenciosas.

Li com tôda a atenção e com a maior satisfação o seu magnífico artigo "Anchieta, primeiro mestre-escola de São Paulo. Que argumentação irretorquível, como é inútil e mesmo ridículo querer tapar o sol com uma peneira. Como pode haver preconceitos tão lastimáveis em pessoas, aliás respeitáveis e cultas! Peço-lhe a permissão de publicar em nossa revista "Estudos".

Que a verdade sempre vença, para a maior glória d'Aquê! que disse "Eu sou a Verdade, a luz do mundo"!

Com as melhores felicitações para o ilustre amigo subscrevo-me, sinceramente seu em Xo. e Ma.

Pe. Antônio Loebmann.

(13). — Apreciação do Padre Hélio Abranches Viotti, da Companhia de Jesus, reitor do Colégio Antônio Vieira, de Salvador (Bahia), ex-capelão da Força Expedicionária Brasileira, na II Grande Guerra. Historiador de consagrados méritos e profundo conhecedor da vida e da obra de José de Anchieta, segundo atestam seus documentados estudos sobre a vida do Criador de São Paulo e Apóstolo do Brasil.

(14). — Conceitos do Padre Antônio Loebmann, jesuíta de reconhecidos predicados morais e intelectuais, revelados no desempenho das altas funções que lhe foram confiadas, sejam no Colégio Anchieta de Pôrto Alegre, no Seminário Cristo-Rei de São Leopoldo e, atualmente, no Colégio Catarinense de Florianópolis.

O Padre Loebmann é o diretor do Movimento Cristóforo do Brasil, como parte da admirável cruzada espiritualista, de âmbito universal, conduzida pelo eminente sacerdote James Keller, com o objetivo de construir um mundo melhor.